

A PROFISSIONAL DO SEXO NO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO NA AMAZÔNIA LEGAL: DISCUTINDO IMAGENS FEMININAS NA SOCIEDADE¹

THE SEX WORKER IN THE LEXICON OF SPOKEN PORTUGUESE IN THE LEGAL AMAZON: DISCUSSING FEMALE IMAGES IN SOCIETY

Luís Henrique Serra²
Theciana Silva Silveira³

Resumo: Analisam-se as denominações dadas à profissional do sexo na região da Amazonia Legal Brasileira, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Como base teórica, foram considerados estudos nos campos do feminismo moderno, da lexicologia, da dialetologia e da geolinguística. Os dados foram coletados nas cartas linguísticas da questão 142 do questionário do ALIB, que versa sobre o item lexical Prostituta. Os resultados mostram que o léxico das denominações dadas à mulher que se prostitui é carregado de imagens pejorativas, que têm arreo em um machismo estrutural que subalterna a mulher em todos as instâncias da sociedade.

Palavras-chave: Léxico; Mulher; Prostituição; Atlas Linguístico

Abstract: The names given to sex workers in the Brazilian Legal Amazon region are analyzed, based on data from the Brazilian Linguistic Atlas (ALIB). As a theoretical basis, studies in the fields of modern feminism, lexicology, dialectology and geolinguistics were considered. The data were collected from the linguistic maps of question 142 of the ALIB questionnaire, which deals with the lexical item Prostitute. The results show that the lexicon of names given to women who prostitute themselves are full of pejorative images, which are based on a structural machismo that subordinates women in all instances of society.

Keywords: Lexicon; Woman; Prostitution; Linguistic Atlas

Introdução

A imagem da mulher na sociedade sempre foi algo que suscita um conjunto de discussões relevantes e que auxiliam na compreensão dos costumes, ideias e comportamentos das sociedades de um modo geral. Muito embora existam diversas exceções, mas a subalternidade na qual a mulher é notadamente colocada nas culturas ocidentais é um fenômeno

¹ Os signatários deste artigo agradecem à Coordenação de Pessoal do Ensino Superior – CAPES pelo auxílio financeiro (auxílio financeiro – Finance code 001) dos programas de Pós-Graduação em Letras nos quais os pesquisadores desenvolvem a presente pesquisa.

² Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão – PPGLB. E-mail: luis.henrique@ufma.br. <https://orcid.org/0000-0001-8796-044X>

³ Docente do Departamento de Letras – DELER da Universidade Federal do Maranhão, campus Dom Delgado. E-mail: thecianasilveira@ufma.br. <https://orcid.org/0000-0001-9672-2021>

que chama a atenção porque ela atravessa diversas formas de cultura, indo desde os comportamentos e tarefas em família até as cantigas de roda, chistes, expressões idiomáticas entre muitas outras manifestações culturais.

Considerando essa realidade, cumpre resgatar algumas discussões sócio-filosóficas que foram sendo construídas ao longo do século XX e XXI sobre o papel da mulher na sociedade. É no século XX que o movimento de mulheres, vendo o seu papel de subalternidade chegar ao limite e o avançar do patriarcalismo na sociedade atravessar costumes e direitos humanos, avança nas discussões e na denúncia de uma mentalidade patriarcal que promove desigualdade, assimetria e injustiça social, sendo as mulheres e o mundo de categorias que cabem dentro dessa macrocategoria denominada Mulher, as principais vítimas dessa mentalidade. O movimento feminista foi uma das primeiras manifestações de denúncia e de reflexão acerca da desigualdade sexual que a mulher sofre, colocando o fenômeno do machismo e patriarcalismo em cheque, duvidando na naturalidade da submissão da mulher ao homem. Teles (1999) define o feminismo como

[...] uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas quanto das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas nos diferentes grupos étnicos e culturas. Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade.

Na linha do que propõe o feminismo, é necessário colocar em dúvida a ideia de a mulher estar naturalmente relacionada ao homem, renegada a ser o segundo sexo ou o sexo frágil, além de ter a sua realização relacionada à figura do outro. Essas e outras ideias, de acordo com algumas das principais ideias feministas, são a fonte para uma sociedade em que a mulher é sempre colocada em posição subalterna, incompleta, de objeto ou sub-humana. Nesse sentido, ser mulher em uma sociedade tão patriarcal quanto a ocidental é um desafio que se coloca em muitos sentidos e a condição feminina nessa sociedade leva as mulheres a muitos papéis sociais de esgotamento físico, mental e profissional, obrigando as mulheres a se submeterem a muitos empregos e profissões que são mal avaliados pela sociedade como um todo. Nesse sentido, para além do fato de ser mulher, muitas vezes, algumas profissões que têm a identidade feminina são consideradas de menor valor ou subprofissões, como a de dona de casa, cabeleireira, merendeira, professora da educação infantil.

O desafio de ser mulher na sociedade moderna é maior ainda quando se considera outros aspectos sociais, como raça, escolaridade, poder econômico, profissão e saúde, entre muitos outros. A assimetria do acesso aos bens culturais atinge muito mais as mulheres do que os homens e esses e outros aspectos endurecem ainda mais a condição das mulheres e mostram com maior clareza a problemática da assimetria sexual. Entender essa problemática como não natural e passível de mudança é uma das tônicas principais dos movimentos feministas.

Ainda sobre a questão da assimetria social que vitimiza as mulheres, o recorte que fazemos neste texto é a realidade da mulher na Amazônia Legal, como espaço amplo, múltiplo e que apresenta muitas questões pertinentes, do ponto de vista social, linguístico e cultural. Considerando as muitas dimensões que merecem a atenção nos estados da Amazônia Legal, é necessário também entender o papel da mulher nesse espaço e como a língua denuncia alguma problemática relacionada a isso. Cumpre destacar, de acordo com Miranda e Barroso (2020, p. 40), que,

Ao visualizar a realidade da Amazônia brasileira para além dos seus vastos recursos naturais, os quais têm sido alvo constante de interesse mundial, nos deparamos com graves problemas sociais vivenciados por sua população, dentre os quais se destacam: o desmatamento desenfreado, os conflitos contra indígenas e agrários, como também o trabalho precarizado e informal – o qual não raro se concretiza em condições análogas à escravidão e está ainda presente na região.

Nesse universo de complexidades e desafios sociais que afeta um número muito grande de indivíduos, cumpre olhar para os dramas e as questões relacionadas à mulher. Ainda de acordo com Miranda e Barroso (2020, p. 42):

Em uma direção oposta ao discurso da rica exuberância natural, a Amazônia, dentro do território brasileiro, é vista como uma grande periferia isolada do centro econômico e de poder pelo seu lugar de fornecedora de recursos naturais. Esse isolamento em relação aos grandes centros econômicos e de tomada de decisão do país faz com que as mazelas decorrentes da desigualdade social sejam sentidas de forma mais intensa pelas mulheres, a saber: o desemprego, a baixa escolaridade, a sub-representação nos cargos de decisão, a exploração sexual, o tráfico de pessoas e os altos índices de violência e feminicídio

Tomando essa realidade como um espaço de investigação, seria interessante ampliarmos ainda mais o campo da complexidade social e nos aprofundarmos na temática dos desafios da mulher na sociedade, fazendo um recorte no campo da prostituição, para que, por meio das denominações dada às profissionais do sexo na região amazônica possamos construir uma imagem de mulher na sociedade. Nesse sentido, busca-se observar de que modo a língua, em especial, no nível léxico, revela um padrão patriarcal, opressor e de objetificação da mulher. Nesse sentido, faremos uma apresentação das denominações constantes nas capitais da

Amazônia Legal e registradas no Atlas Linguístico do Brasil e analisaremos, à luz dos estudos do léxico e de discussões sobre o papel da mulher na sociedade, de que forma os indivíduos da região da Amazônia Legal constroem imagens sociais sobre a mulher. Com o texto, esperamos contribuir com a discussão sobre o papel da mulher na sociedade, sua objetificação e de que modo esses discursos podem ser combatidos.

1. A PROSTITUIÇÃO NA BOCA DO POVO: O QUE FALA A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA?

1.1. A prostituição e a mulher: reflexões gerais

A prática da prostituição é uma das mais antigas formas de sobrevivência da humanidade. Na história do homem, são muitos os relatos de mulheres que venderam o próprio corpo para a própria sobrevivência e ou até da própria família. Algumas mulheres ficaram famosas na história da humanidade porque eram profissionais do sexo, como Messalina, Mata Hari, Maria Madalena, Dona Beja entre muitas outras que ganharam notoriedade pelo envolvimento com homens poderosos e por fazerem do ato sexual uma forma de sobrevivência em meio a situações de recusa de direitos.

Silva (2014, p. 109, grifos da autora) explica que:

A prostituição foi tradicionalmente banalizada e encarada como “a mais velha profissão do mundo”. É bem possível que esse clichê tenha servido para que, através do tempo, fosse naturalizada, retirando-se dela qualquer caráter político ou de relação de poder entre os sexos. Com o avanço da urbanização e da sociedade de massas, tornou-se um fenômeno de grande visibilidade, causando certo mal-estar a determinados segmentos sociais que passaram a debatê-la, buscando melhor conhecer para melhor controlar.

Mesmo sendo muito antiga, a prática da prostituição sempre foi vista com maus olhos pela sociedade, sobretudo, em sua camada moralista, que preserva comportamentos definidos inclusive para o ato sexual. Além desses elementos envolve ainda a prática sexual de mulheres e comportamentos considerados inapropriados para os homens, o que fomenta ainda mais a questão da negatividade ou de imoralidade que envolve a prostituição. Um outro aspecto importante na imagem negativa é a de que, em uma sociedade em que o dinheiro pode ser conseguido de diversas formas, seria imoral usar o prazer sexual para esse fim. Desse modo, a prática da prostituição não pode ser considerado um labor, o que daria um aspecto de moralidade à prostituição.

No bojo desse teor negativo está a imagem da mulher, que também sofre um acréscimo em sua já subalternada imagem. Muito embora o homem também possa se prostituir, a mulher é sempre o personagem mais estigmatizado desse mundo. Não à toa, em expressões de xingamentos cristalizada na linguagem cotidiana e que estão relacionadas à prostituição, a figura da mulher é a que mais se destaca (*puta, filho de uma égua, filho da puta* e variantes).

É importante destacar que, de acordo com Codognoto (2022), muitas das vezes, a prostituição torna-se um lugar de acolhida e proteção de mulheres vulneráveis do ponto de vista socioeconômico e cultural, sobretudo diante das violências proporcionadas pelos homens companheiros e parentes próximos, além da violência da própria sociedade. Em sua pesquisa, Codognoto, que pesquisou mulheres em situação de prostituição no Mato Grosso, portanto, na Amazonia Legal, comenta que

Podemos dizer que muitas de nossas participantes buscaram no ambiente da prostituição lugares que as acolhessem das afrontas físicas, morais, psicológicas e sexuais vividas no seio familiar, com seus pais e companheiros, associadas à ocorrência de violência estrutural, gerada por um Estado que não tem possibilitado e, até mesmo dificultado, a equidade de direitos às pessoas não reprodutoras das questões dominantes de gêneros, das raça/cor e de classe social. Também evidenciamos que a prostituição atua como forma de subjetivação de muitas mulheres, a partir do momento em que elas se constituem mulheres, trabalhadoras, mães e arrimos de família (Codognoto, 2022, p. 117).

Por conta de questões de mudança de mentalidade que vem acontecendo nos últimos tempos, sobretudo pelas novas perspectivas que o papel da mulher tem recebido ao longo dos séculos XX e XXI, a prostituição tem ganho novos contornos e significações por parte da sociedade, sobretudo por causa de revolução sexual que as últimas gerações vêm promovendo. Nessa direção, Rodrigues (2009, p. 69) comenta que

O processo de redefinição e ressignificação das práticas e comportamentos abertos pela transformação da sexualidade em uma qualidade do eu, abriu caminho à diversidade sexual crescente e promoveu o pluralismo, a partir de meados do século 20. Práticas antes consideradas perversões são ressignificadas e relocalizadas, como uma preferência entre outras, enquanto expressões da sexualidade.

A prostituição e conseqüentemente, a prostituta, tem ganho novos significados, novas imagens vão surgindo e uma mentalidade do aspecto profissional da prostituição ganhou espaço em âmbitos públicos. Nessa direção, a prostituição tem, cada dia, perdido o estigma, muito embora, ainda se tenha muito o que discutir e percorrer nessa transformação. Nesse sentido, a mulher prostituta, ainda sofre bastante na clandestinidade, a violência e o perigo que uma

profissão não regulamentada e que sofre diversos tipos de preconceitos pode proporcionar. Nesse contexto de pobreza, desatenção e de sobrevivência, a mulher ainda é a principal vítima.

Considerando esses aspectos, cumpre questionar de que forma a língua expressa essa imagem da mulher que vive da prostituição: de que modo podemos observar no léxico, o nível linguístico em que fica mais evidente a relação entre língua e cultura social, e uma imagem negativa sobre a mulher?

1.2. O léxico como objeto de estudos dialetais e geolinguísticos

O nível léxico de uma língua é um dos níveis mais complexos de uma língua. Nesse nível linguístico, é possível observar, com maior clareza, a relação entre língua e o pensamento social. Vilela (1994, p. 10) comenta que o léxico, para além de poder ser compreendido como a totalidade das palavras de uma língua, é também “[...] o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística.”. Em outro momento, o autor define assim o que, geralmente, denominamos léxico

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (Vilela, 1994, p.17).

Nesse sentido, as palavras de uma língua são, na verdade, a cristalização de uma realidade mental e de uma psique social que desencadeia sentidos, que se revelam nas práticas, nas ações e na língua. A realidade seria, dessa forma, uma construção humana que tem origem nos modos de significação que o homem constrói ao longo de sua história. Biderman (1996) comenta que as unidades linguísticas são unidades de sentido, tendo em vista que são receptáculos do conhecimento adquirido pelo homem em suas experiências com a realidade, no entanto, para além de uma dualidade significado e significante, as unidades do léxico também são unidades de sentidos culturais e cognitivos. A autora comenta, nesse sentido, que:

o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos linguísticos (Biderman, 1996, p. 27-28).

Como se observa, para além de simples rótulos ou receptáculos do sentido, as palavras de uma língua são um conjunto muito grande de objetos de significados de diferentes dimensões, sejam elas linguísticas, semânticas ou culturais ou a junção dessas várias dimensões. Esse fato nos leva a entender que o léxico revela os fenômenos sociais, os olhares da comunidade para os objetos e fenômenos aos quais está sujeito. No léxico, a cultura se cristaliza, se organiza, é nele que os saberes se assentam e se semiotizam para os falantes.

Para Razky (2013), o léxico, para além de poder ser analisado do ponto de vista linguístico, pode também ser analisado do ponto de vista social, considerando suas múltiplas dimensões. Pesquisas no plano lexical podem gerar resultados que podem ser mensurados a partir de produtos, como glossários e dicionários, quanto a partir do conhecimento da realidade sociocognitiva de uma comunidade.

Nesse sentido, os trabalhos no campo da dialetologia e da geolinguística têm dado importante contribuição para a descrição do léxico do português brasileiro, para além daquilo que nos apresentam os dicionários. Ainda segundo Razky (2013, p.249)

Ao longo dessa evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico, a Dialetologia e a Geografia Linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas de várias regiões no mundo. Por isso, essas duas disciplinas se mantiveram vivas do final do século XVIII até os dias atuais.

Dessa forma, o estudo do léxico pela dialetologia e pela geolinguística tem sido realizado e apresentado inúmeros resultados que demonstram a criatividade dos falantes do português brasileiro quando relacionam aspectos linguísticos e aspectos socioculturais. A dialetologia e a geolinguística têm capturado esses resultados e contribuído com uma descrição das línguas naturais e, conseqüentemente, com a própria linguística, com quem se associa mais diretamente. Rossi (2001, p. 89) explica, nesse sentido, que

Não se infira, daí, que seja forçoso renunciar à pretensão de uma Dialectologia Geral, ou que a Dialectologia seja obrigatoriamente, portanto, uma beneficiária da Linguística que a esta nada tenha a dar em troca. Muito ao contrário, todos reconhecem sem contestação que o método geográfico-lingüístico tem contribuído imenso para o progresso da ciência da linguagem, quer nos seus aspectos históricos, sócio-culturais, quer nos seus aspectos estruturais.

Para além do registro, a Dialetologia e a Geografia Linguística têm se ocupado de analisar os fatores da variação linguística, considerando aspectos sociais, como sexo/gênero, escolaridade, idade entre outros fatores considerados importantes para a compreensão de

fenômenos linguísticos. A Dialetoлогия se associa com a geolinguística no sentido de potencializar a descrição, compreendendo o espaço para além de suas características físicas, mas também sociais, econômicas e culturais. Desse modo, quando essas áreas fazem um recorte do léxico considerando as dimensões linguísticas e suas dimensões sociais, culturais e comportamentais contribuem para as ciências humanas e sociais de modo amplo (Cardoso, 2001).

O tema do léxico da prostituição é objeto de várias investigações no campo da dialetologia e da geolinguística, que olham para fatores diversos que provocam a variação lexical (Sanches; Razky, 2015; Araújo; Barros, 2019; Azevedo; Margotti, 2022 entre outros). Esses estudos, apenas por ficarem nos aspectos linguísticos e dialetais, não deixam de olhar para o aspecto social revelado por meio da análise dialetal. Quais têm sido as avaliações, as construções sociais que se tem no léxico das prostitutas? De que modo a mulher que ganha a vida usando o próprio corpo é retratada nessas denominações? Para além disso, como entender uma imagem de uma violência simbólica por trás dessas denominações? E a mulher amazônica, como é retratada nesse contexto?

Por exemplo, o estudo de Sanches e Razky (2015) mostra a coleta de denominações das capitais do centro-oeste, norte e nordeste e mostra semelhanças e algumas diferenças nas diferentes localidades. Após o levantamento, os autores comentam que:

Observamos que o item prostituta, nos dados dos trabalhos mencionados acima, nos revela não só uma pluralidade lexical, mas também nos permite, mesmo que empiricamente, refletir sobre os valores simbólicos e sociais que subjazem aos usos linguísticos que se fazem para designar uma mulher que vende seu corpo por dinheiro. Esses resultados nos instigam para além da intercomparação de dados linguísticos, nos instiga a realizar novas pesquisas em diferentes áreas, seja pelo viés histórico, sociológico ou antropológico.

Muito embora os autores, no texto mencionado, não façam a instigante análise para além de dados linguísticos e dialetológicos, o trabalho configura-se como um importante registro da diversidade de denominações e para aspectos sociológicos. No mesmo sentido é apresentado o trabalho de Azevedo e Margotti (2022). No presente estudo, buscamos alinhar os dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e uma análise sociológica, passando por uma interpretação das denominações, considerando uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade. Elencamos ainda a mulher na Amazônica legal, que, conforme já comentamos, é uma das principais vítimas das injustiças sociais que assolam a região. O nosso propósito é tentar resgatar, nessas denominações, o registro desse espaço da mulher nos estados da Amazônia Legal Brasileira.

2. A AMAZÔNIA LEGAL E O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB): caminhos e fronteiras

Esta pesquisa está inserida no âmbito dos estudos da dialetologia e da geolinguística. Segundo Cardoso (2010, p.15), a dialetologia “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Assim, adotar uma perspectiva dialetológica é trazer à tona diversos fenômenos linguísticos considerando fatores que vão além da língua, em que são considerados condicionadores que podem motivar ou refletir na escolha de determinantes usos, em outras palavras, leva em conta determinados contextos nos quais esses fenômenos ocorrem. Já a geolinguística nos ampara metodologicamente, uma vez que permite o registro de dados linguísticos em mapas, levando em consideração diversas dimensões, no caso deste trabalho, a dimensão regional.

Nesse sentido, Coseriu afirma que

Os mapas linguísticos, além de permitirem observações de caráter geral sobre o funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelam conexão entre a história linguística e os fatores geográficos ou geopolíticos: permitem comprovar que as inovações nas “línguas” procedem de determinados centros e que sua difusão se detém em certos limites constituídos por rios, montanhas, fronteiras políticas, administrativas ou eclesiásticas (Coseriu, 1987, p. 84).

Com base nessas palavras, entendemos a importância de se desenvolver trabalhos com base em dados dialetais, sobretudo no que tange ao léxico, pois, o registro das formas de nomear uma determinada realidade funciona como um acervo cultural, tesouro vocabular de uma determinada região, além de nos possibilitar a compreensão de fatores que ultrapassam o domínio linguístico. Um exemplo claro dessa importância se dá no âmbito da Amazônia Legal, que é composta por estados e municípios de três regiões do Brasil, embora estejam concentradas na região norte. Uma análise de cunho linguístico pode corroborar a hipótese de que embora separados geopoliticamente, estão diretamente ligados a outros diversos fatores.

2.1. Conhecendo a Amazônia Legal

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2020), “a Amazônia Legal foi instituída pela Lei 1.806, de 06/01/1953, com o objetivo de definir a delimitação geopolítica com fins de aplicação de políticas de soberania territorial e econômica para a promoção de seu desenvolvimento”, seus limites foram se ampliando e função da área

de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Atualmente, a Amazônia Legal possui 5.015.067,749 km², o que corresponde a cerca de 58,9% do território brasileiro, a saber: 8.510.295,914 km² (IBGE, 2020). Ela é constituída por nove estados, somando um total de 772 municípios. Vejamos essa distribuição de acordo com as regiões e os estados:

Região Norte:

- Acre (22 municípios)
- Amazonas (62 municípios)
- Pará (144 municípios)
- Rondônia (52 municípios)
- Roraima (15 municípios)
- Tocantins (139 municípios)

Região Centro-oeste:

- Mato Grosso (141 municípios)

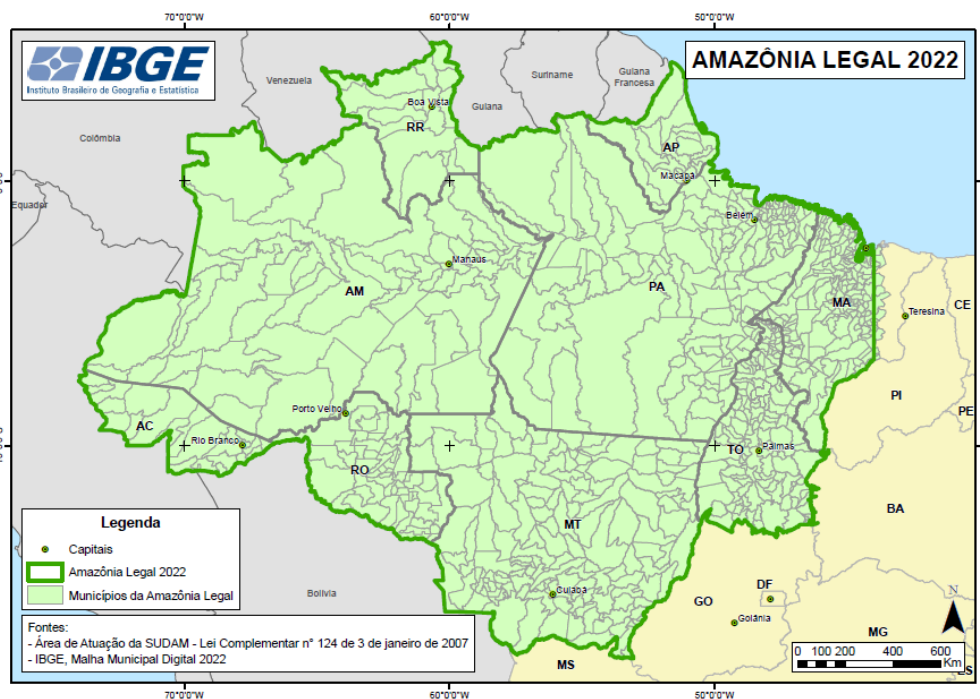
Região Nordeste:

- Maranhão⁴ (181 municípios)

Para ilustrar essa distribuição, vejamos a Figura 1, que nos mostra os estados e capitais que compõem a Amazônia Legal, bem como as divisas estaduais e seus limites.

Figura 1. Distribuição dos estados e capitais que compõem a Amazônia Legal

⁴Vale ressaltar que embora o estado do Maranhão contabilize o maior número de municípios, ele tem apenas 79,3% do seu território integrado à área de abrangência da Amazônia Legal (IBGE, 2020).



Fonte: IBGE (2020).

Com base nesse cenário, entendemos que as relações mantidas entre os estados vão além de uma questão puramente geográfica, a Amazônia Legal é constituída por cidades e estados que “constituem a base logística para o controle estratégico do território e para a exploração econômica da região”, buscando “consolidar e disseminar o desenvolvimento local e intrarregional, a partir da rede urbana amazônica, seus fluxos e conexões rodoviárias e fluviais” (IBGE, 2020).

Considerando essa realidade, desenvolver trabalhos no âmbito linguístico é de suma importância para a compreensão dessa realidade, uma vez que essas estreitas relações política, econômica e geográfica, dentre outras, entre essas localidades podem ser refletidas na língua, no léxico dessas comunidades, em se tratando não só no ato de nomear em si, mas na forma de enxergar a entidade nomeada, destacando-se costumes, valores, visões de mundo.

2.2 Projeto ALiB: considerações e constituição do *corpus*

Para concretização desta pesquisa, tomamos como base, os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o projeto ALiB, no que concerne aos estados que compõem a Amazônia Legal. O projeto ALiB é um projeto de dimensão nacional, de grande amplitude, que tem como objetivo a elaboração de um atlas geral nacional, com dados linguísticos relacionados aos usos

da língua portuguesa no país, considerando a variação diatópica, de modo a estabelecer e caracterizar áreas dialetais.

O ALiB fundamenta-se metodologicamente nos princípios gerais da geolinguística, dando ênfase à variação espacial, sem deixar de considerar as questões de cunho social que permeiam essa diatopia. Ao buscar descrever o português falado no Brasil, foi necessário desenvolver pesquisas em 250 localidades, seguindo critérios demográficos, históricos e culturais. Para realização das entrevistas, foram utilizados questionários linguísticos, aplicados a oito informantes de capitais brasileiras. Vejamos, na Figura 2, a rede de pontos do Projeto ALiB.

Figura 2. Distribuição das redes de pontos do Projeto ALiB



Fonte: Cardoso (2010)

Este trabalho foi realizado com uma amostra de dados a partir das cartas linguísticas publicadas no volume de cartas do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso *et al.* 2014) referente à questão 142: “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?”, do Questionário Semântico-Lexical (QSL), do campo comportamento e convívio social. Para tanto, foram considerados os seguintes critérios:

- Localidades: 8 capitais que compõem a Amazônia Legal⁵, nos dados do Projeto ALiB (Belém, Boa Vista, Cuiabá, Macapá, Manaus, Maranhão, Porto Velho e Rio Branco);
- Número de Informantes: 64 informantes
- Sexo: Masculino e Feminino
- Faixa etária: I - 18 a 30 e II - 50 a 65 anos.
- Escolaridade: Fundamental e Superior.

Apresentada a metodologia utilizada para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, passemos a fazer algumas considerações acerca dos dados apresentados nas cartas relacionadas à questão 142, tecendo ainda discussões acerca das implicações desses dados com áreas dialetais brasileiras, que não envolvem apenas o espaço, mas fatores sociais, culturais e políticos. Nesse sentido, discorreremos neste artigo, sobre as denominações atribuídas à *prostituta*, relacionando aspectos de diversidade diatópica, além das questões relacionadas à identidade e imaginário social da imagem da mulher na sociedade.

3. O QUE DIZEM OS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL SOBRE A MULHER DA REGIÃO DA AMAZÔNIA LEGAL

Após a coleta dos dados nas cartas, fizemos um quadro em que estão dispostos todos os dados das capitais que compõem a Amazônia Legal Brasileira. O quadro está organizado pelo número mais recorrente de denominações, seguidas de uma organização alfabética, quando há empate no número de ocorrência.

Quadro 01 - Denominações para a profissional do sexo nas capitais da Amazônia Legal

DENOMINAÇÕES/ LOCALIDADES	Belém	Boa Vista	Cuiabá	Macapá	Manaus	São Luís	Porto Velho	Rio Branco
Prostituta	X	X	X	X	X	X	X	X
Putá		X	X	X	X	X	X	X
Rapariga		X	X			X		X
Meretriz			X			X	X	
Quenga						X		
Garota de programa	X				X			
Rameira			X		X			
Prima		X						
Biscate			X					

⁵ Vale ressaltar que a capital Palmas, embora faça parte da Amazônia Legal, não foi inserida neste trabalho por questões metodológicas do Projeto ALiB, uma vez que Palmas possui formação recente (1989) e, por consequência, não possui falantes nativos alinhados ao perfil dos informantes.

Rampeira				X				
Varejeira	X							
Madalena					X			
Rueira			X					
Solteira							X	

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

Em média, cada capital apresentou 4 denominações. Cuiabá é a que apresenta maior número de denominações, 7. Macapá, Belém e Rio Branco, por outro lado, apresentaram menos denominações, no total de 3. Como se observa, as denominações Prostituta, Puta e Rapariga são as denominações mais comuns nas capitais. É necessário apontar, nesses resultados alguns fatos semânticos curiosos sobre as denominações encontradas e contamos com o auxílio dos Dicionários Digitais Michaelis - Língua Portuguesa e Dicionário Caldas Aulete para a compreensão de alguns fatos sociolinguísticos relacionados às denominações relacionadas à profissional do sexo encontradas nas capitais brasileiras.

Os dicionários Aulete e Michaelis apresentam as denominações Prostituta e Puta como denominações pejorativas empregadas para denominar mulheres que utilizam-se dos próprios corpos como meio de subterfúgios financeiros. Michaelis digital, sem alguma marcação de informações sócio-pragmáticas, define Prostituta como “Mulher que faz sexo por dinheiro”. Caldas Aulete define a palavra como uma variante de Puta. Em Puta, o dicionário traz uma marcação de tabu e vulgar, informando que puta é “Prostituta, mulher que faz sexo por dinheiro”. Rapariga aparece como outra variante de prostituta, no entanto, com uma marca de regionalismo, no Michaelis e no Caldas Aulete. Esses dicionários informam que Rapariga ganha conotação de pejoratividade na região nordeste e em dois estados de duas outras regiões: Centro-oeste e Sudeste, que são Minas Gerais e Goiás.

Quenga é uma denominação curiosa porque, nos três dicionários investigados, ela é tida como uma denominação tipicamente nordestina e uma variante de prostituta. Os dados do Atlas Linguístico do Brasil confirmam essa informação, tendo em vista que a denominação só é observada no Maranhão, único estado da Amazônia Legal da região nordeste.

Nesse mesmo sentido, observamos a presença de um grupo de denominações que são únicas em alguns estados. Dessa forma, Prima, Biscate, Rueira, Solteira, Madalena, Rampeira e Viajante, como variantes de prostituta, nas cidades de Boa Vista, Cuiabá, Porto Velho, Manaus e Belém respectivamente, mostrando algumas denominações particulares em cada localidade.

É curioso notar que é nesse universo de denominações únicas que a criatividade ou a imagem da mulher na sociedade fica mais evidente. Esse grupo de denominações únicas denotam características sociais e comportamentais que são próprias de uma imagem de mulher idealizada como subalterna à imagem masculina e que seria, portanto, a imagem de uma mulher ideal. Na busca nos dicionários, foi possível aferir algumas hipóteses para esses nomes e o que eles podem denotar das características das mulheres prostitutas.

Por exemplo, a denominação Biscate tem como outra acepção, que é a de “trabalho simples”, “trabalho mal feito”. De acordo com o Michaelis, essa é uma denominação para prostitutas nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. O dicionário Caldas Aulete registra como um regionalismo do sudeste, principalmente de São Paulo, e que é uma gíria antiga. Solteira, por sua vez, também aparece como uma acepção de prostitua, mas que essa acepção é própria da região nordeste. São alguns dos sinônimos para Solteira e que aparecem no Caldas Aulete são: mulher pública, meretriz e sonoleira. Esta última, é um adjetivo que é dado para pessoas que dormem demais, são apegadas à prática de dormir excessivamente. As demais acepções que foram encontradas uma única vez em cada localidade (Madalena, Prima, Varejeira, Rampeira) ou não foram encontradas nos dicionários ou não recebem uma acepção relacionada à prostituição.

Madalena, provavelmente, tenha origem na figura de Maria de Madalena, a mulher considerada prostitua, por alguns intérpretes da bíblia, e que se converteu ao cristianismo após algumas experiências espirituais com Jesus Cristo. Mesmo que, depois ela tenha se tornado uma seguidora de Cristo, a imagem de prostituta é a mais popular e recorrente dessa personagem das histórias bíblicas.

Cumprido destacar, ainda, a hipótese de que as denominações rampeira e rameira podem ser sinônimos com apenas algumas alterações morfofonológicas. Nessa direção, é possível encontrar, nos dicionários, a acepção de variante de prostituta para rameira, que também validaria os dados de rampeira com esse sentido.

Na busca dessa imagem da mulher nos contrários do que a prostituta é, buscamos destacar algumas denominações que denotam comportamentos e características socioculturais, como Solteira, Viajante, Rueira e Prima. Essas denominações denotam algumas características culturais curiosas e que são próprias da figura masculina e que não pode fazer parte das práticas e dos comportamentos de uma mulher. Por exemplo, a denominação Solteira, que, em primeira acepção, é a mais recorrente, é uma pessoa que não tem matrimônio, que não está associada com uma outra pessoa. No caso da mulher, com um homem. Desse modo, a mulher não poderia

se realizar sem a presença de uma figura masculina. A mulher, portanto, deve ser a companheira, a ladeada pelo homem e, por isso, qualquer mulher que não tenha o desejo do matrimônio com um homem pode também ser considerada como prostituta, ou, pelo menos, tem o mesmo status social que uma prostituta.

Viajante é um outro caso. Viajante, como Rueira, denotam que a mulher não pode aparecer em público. A ela é reservado o espaço do lar, é a “rainha do lar”, portanto, não pode ser uma pessoa pública e que não tenha endereço certo. Nesse sentido, a imagem da mulher atrelada ao lar mostra que ela deve estar sempre cercada ou trancada dentro de casa para que ela possa tornar-se uma mulher ideal. Nesse sentido, a mulher não pode ser alguém que goste de estar fora de casa, na rua (rueira), sobretudo porque a rua é lugar de prostituição. A mulher que tem a coragem de enfrentar a rua, sobretudo à noite, é a prostituta e que, por isso, viajante e rueira parecem denotar essa imagem da mulher do lar, a mulher do fundo da cozinha, na beira do fogão, de uma mulher que existe exclusivamente para atender as necessidades da família. Nessa direção, Silva (2015, p. 68) comenta que:

A análise da atuação da mulher no desdobrar-se da história, muitas vezes, é confundida com a análise da formação da família, pois a instituição do privado/doméstico como espaço intrinsecamente feminino torna dificultosa a tentativa de desassociação entre a mulher e a família.

Essas hipóteses apresentadas mostram que as denominações dadas às mulheres no léxico popular revelam uma imagem de mulher que deve ser evitada, tendo em vista o status negativo que as prostitutas têm na sociedade, no imaginário popular. Dessa forma, as denominações apontam para uma realidade de uma imagem de mulher que é recorrente e que denota a obrigatoriedade de certos comportamentos e posturas que devem ser observadas pelas mulheres na sociedade patriarcal.

Para além dessas denominações, fizemos um outro apanhado na carta semântico-lexical de expressões que foram coletadas no ALIB e que têm na sua estrutura semântica a expressão “mulher”. Essa coleta foi feita para corroborar nossa hipótese de que o léxico revela uma imagem pejorativa da profissional do sexo e que esse preconceito também está atrelado à imagem da mulher na sociedade. No quadro 02, a seguir, aparecem as expressões coletadas e as localidades em que elas aparecem.

Quadro 02 - Expressões registradas nas capitais dos estados da Amazônia Legal que denotam a mulher

DENOMINAÇÕES/ LOCALIDADES	Belém	Boa Vista	Cuiabá	Macapá	Manaus	São Luís	Porto Velho	Rio Branco
Mulher da vida	X	X		X		X	X	X
Mulher de vida fácil	X		X	X	X	X		X
Mulher de programa	X		X		X		X	X
Mulher piranha			X	X	X	X		
Mulher galinha				X				
Mulher que costura para fora						X		
Mulher à toa							X	
Mulher de aluguel								X

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

Em todas as cidades investigadas, foi possível encontrar um conjunto de expressões relacionadas à mulher se referindo ao campo da prostituição. Essas expressões, assim como as denominações, também denotam um certo valor pejorativo sobre o comportamento da mulher, reforçando uma conduta que deve ser seguida por todas as mulheres. No quadro, é possível destacar que só Boa Vista apresentou uma só expressão e foi uma das mais recorrentes (mulher da vida). Nas cidades de Belém, Cuiabá, Manaus, Porto Velho, foram registradas três expressões que se repetem ou que só acontecem uma vez. Por exemplo, em Porto Velho, não foi registrada a expressão mulher de vida fácil, que é encontrada em praticamente todas as capitais, com exceção de Boa Vista. Em Macapá e São Luís, não foi possível encontrar também Mulher de Programa. São Luís e Macapá foram as cidades com maior número de expressões relacionadas à mulher na prostituição (4 cada uma). Só mulher galinha não se repete nas duas cidades.

As expressões Mulher que costura para fora, Mulher à toa e Mulher de aluguel só foram registradas uma vez nas cidades de São Luís, Porto Velho e Rio Branco, respectivamente.

Mais uma vez, algumas denominações desse grupo de expressões denotam algumas ideias sobre a imagem feminina, uma imagem que a sociedade constrói sobre a mulher e que se cristaliza no léxico, conservando ideias antigas sobre a sexualidade e o comportamento feminino na sociedade. Algumas ainda denotam a postura de subalternidade e de desamparo que a mulher vive recorrentemente na sociedade. A expressão mulher da vida denota um certo peso sobre os parceiros sexuais das mulheres, que, ao contrário do homem, não podem ser muitos. Da mulher, é exigida uma fidelidade ao companheiro, fidelidade que, caso não seja

praticada, a mulher sofre muito mais do que o homem. Este, pelo contrário, é muitas das vezes, exaltado por sua falta de fidelidade.

Na expressão Mulher piranha é possível notar mais uma vez o ato sexual como algo que tem que ser condenado. O sexo livre, produto de uma necessidade física, nesse caso, precisa ser evitado, tendo em vista que a mulher só poderia ter relações sexuais se for para a procriação ou satisfação do homem. Michaelis denota, na entrada de piranha, a seguinte concepção: “Mulher de vida licenciosa, que faz sexo com muitos parceiros.”. Aulete registra a denominação como um brasileirismo e como um sinônimo de prostituta. Ainda de acordo com a acepção do Caldas Aulete, piranha é uma mulher de vida libidinosa, que tem relações com vários homens. Nesse caso, a mulher ideal seria a mulher que tem poucos ou um só parceiro sexual, a mulher que é fiel e que não se vinga do homem no momento em que ela é traída. A denominação Mulher piranha deixa muito bem clara a intenção de afirmar que a mulher com o comportamento libidinoso tem que sofrer sanções sociais.

Mulher à toa é uma outra expressão que denota a subalternidade da mulher em relação ao homem. A mulher, nesse caso, não pode ser alguém solteira, como mostramos na análise feita anteriormente, e a mulher à toa, ou seja, sem compromisso matrimonial, tem que ser sancionada, ela precisa sempre estar relacionada ao homem ou então ela é uma “qualquer”. Não tem a imagem masculina para referenciar-se e, por isso, é uma mulher que não tem identidade na sociedade. Desse modo, a expressão denota, mais uma vez, essa ideia de dependência que a cultura patriarcal criou sobre as mulheres.

Por fim, nesse quartel das expressões, cumpre destacar a expressão Mulher que costura para fora, que apareceu em São Luís. Essa expressão, mais uma vez, denota a imagem da mulher como sendo alguém que está atrelada ao lar. A mulher não pode ter interesses que estejam fora do lar, fora do ambiente familiar e interno da casa, refere-se, ainda, ao imaginário de que a mulher é destinada a cuidar da casa, das tarefas domésticas e do cuidado com a cria do casal. O homem é quem deve sair e ter negócios ou atividades fora do lar. Nesse sentido, o lar é uma cadeia na qual a mulher deve se mostrar resiliente e obediente, sobretudo ao “chefe da casa”.

Essas e outras expressões em que é possível encontrar a mulher denotada mostram o quanto o léxico de uma língua pode denotar as imagens sociais que governam e organizam a nossa realidade. O papel que a mulher exerce na sociedade patriarcal, falocêntrica, como produto de um tecido social complexo, em cuja imagem se projeta na masculinidade, pode se revelar em expressões e denominações relacionadas a campos em que a mulher é sempre

colocada em evidência. Muito embora o homem também possa participar do mundo da prostituição, mas a participação da mulher é sempre pejorativa, proibida e violentada.

Nos últimos tempos, como observamos anteriormente, o feminismo tem denunciado a diferença entre os sexos na nossa sociedade, uma diferença que tem raiz em uma concepção de sociedade em que a mulher é sempre subalterna, em segundo lugar ou a servente do homem. Silva (2015) afirma, nesse sentido, que, no passado, a diferença entre homens e mulheres era bastante explícita, mas, com o passar do tempo e com vários movimentos sociais e econômicos pelos quais a nossa sociedade passou fizeram com que esses padrões sexuais fossem repensados, discutidos e postos a prova. Ainda de acordo com Silva (2015, p. 86-87) comenta que

Há que se considerar que esta desigualdade estabelecida entre homem e mulher já foi muito mais explícita e, hoje, apresenta-se, em muitas situações, de forma velada, necessitando-se de um olhar mais cauteloso e crítico para ser identificada, pois a falsa segurança de igualdade entre todos, contida na determinação imposta pelo artigo 5º da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988, grifo nosso), faz que muitos indivíduos não se atentem para situações nas quais o homem se sobrepõe à mulher em questões de direitos.

Na esteira da revisitação de clássicos e expressões que estão cristalizadas no léxico e que revelam um momento de reflexão sobre os valores e modelos de uma sociedade com vários tipos de seção de direitos, cumpre olhar para o léxico como um espaço que cristaliza as ideias. São esperadas novas ideias, novas denominações, sobretudo pelas intensas e importantes mudanças pelas quais a sociedade passa de forma ampla. Nesse sentido, essas transformações também podem ser cristalizadas no léxico. A exposição e análise das denominações relacionadas à imagem da prostituta e, conseqüentemente, da mulher, revelam uma estrutura muitas vezes denunciada nos textos e nos discursos feministas. As constatações apresentadas aqui revelam uma sociedade que se pretende deixar no passado e que essas expressões possam ser vistas, no futuro, com o mesmo rubor que vimos expressões comuns em épocas sombrias de nossa história.

Considerações finais

Considerando o objetivo e hipóteses levantadas, foi possível observar que as denominações registradas para designar a profissional do sexo revelam o imaginário e crenças que a comunidade da região da Amazônia Legal tem acerca da temática. Em se tratando do campo convívio e comportamento social, isso se torna muito mais evidente, uma vez que a

sociedade estabelece, com base na sua cultura, o modo de ver uma realidade. Os dados revelaram a visão pejorativa e de julgamento em relação ao comportamento da mulher, que em toda história sempre foi vista como um indivíduo relacionado ao homem. Se pensarmos na visão cristã, Eva, primeira mulher, foi criada da costela de Adão, primeiro homem, daí se revela a ideia de dependência, de ligação; com isso, muitas dessas denominações e expressões coletadas partem da ideia da mulher sempre ligada ao homem, ao lar, aos filhos e a ausência disso leva à avaliação negativa dessa mulher perante à sociedade.

Outro ponto relevante se trata dos casos de adjetivação das expressões compostas por Mulher, apresentados ao longo do estudo: no grupo de expressões coletadas no Atlas Linguístico do Brasil, os elementos que formam o composto sintagmático que adjetivam o núcleo estão diretamente relacionados à características, comportamentos e observação da vida íntima da mulher, traços que nos levam a refletir e hipotetizar como a mulher é vista perante a sociedade, e como os falantes utilizam dos recursos da língua para criar denominações que cristalizam e paramentam um discurso vigente de subalternidade da mulher. Esses dados demonstram a necessidade de pensarmos ideias e imagens que ainda são fortes na nossa sociedade e que revelam um discurso de desigualdade entre os indivíduos.

Por fim, cumpre concluir afirmando que o léxico de uma língua, dentre muitas possibilidades, nos permite com mais clareza inferir e analisar a nossa realidade, descortinando visões e ideologias presentes/arraigadas e que, muitas vezes, estão impregnadas no imaginário social em forma de expressões, palavras e ações. Este trabalho, além de oportunizar ampliar os estudos acerca do léxico, da variação lexical, corrobora e reforça a importância de trabalhos com a temáticas pertinente a grupos minoritários, buscando não só analisar o cenário, mas também apresentar, de certa forma, para a sociedade possibilidade de refletir sobre questões que são pertinentes e urgentes. Uma visão machista e preconceituosa acerca do comportamento da mulher nos dias de hoje deve ganhar o status de anacrônica e as desigualdades devem ser combatidas. A Linguística, enquanto uma ciência, tem como colaborar com essas discussões, como tem feito, e este estudo é mais um exemplo de como podemos somar nessa discussão relevante não só para as mulheres, mas para a sociedade como um todo.

Referências

ARAÚJO, Thays Coelho; BARROS, Carolina Pinheiro. As variações lexicais para o conceito de “prostituta” no município de Anori-AM: um estudo dialetológico. *Revista Moara*, Belém, n. 54, p. 1-18, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i54.8024> Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8024> Acesso em: 24 jun. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, Araraquara, n. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>
Acesso em: 24 jun. 2024.

CARDOSO, Maria Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 17, especial, p. 25-44, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000300003> Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/delta/a/F9qxnq4DV6XTVMYdXJB89Sd/?lang=pt> Acesso em: 24 jun. 2024.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*. v. 2. Londrina: Eduel, 2014.

CODOGNOTO, Luciana. Cartografias de Mulheres na Prostituição. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 102–119, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v14i29.14054>. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/14054>. Acesso em: 24 jun. 2024.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001. Londrina: Eduel, 2001.

COSERIU, Eugeniu. *O homem e a sua linguagem*. Tradução de Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

LEDA, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARGOTTI, Felício Wessling; AZEVEDO, Orlando da S. Um Estudo Geolinguístico da Variável Lexical Prostituta em Manaus. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 25, n. 1, p. 125-135, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2022v25n1p125>. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/45594>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GUIMARÃES, Kátia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 525-544 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300004>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZY76zb36B5d39Tszd6wrcZF/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2024.

RAZKY, Abdelhak. A Dimensão Sociodialetoal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2013v16n2p247>. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659>. Acesso em: 23 jun. 2024.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: é um trabalho como outro qualquer? *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 68-76, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802009000100009>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rk/a/sG4V4bWD8yHJVwGQnBJrkTn/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2024.

ROSSI, Nelson. A dialectologia. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 11, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3299>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SACHES, Romario Duarte; RAZKY, Abdelhak. Variação Lexical para o item “Prostituta” no Amapá. *Revista do GELNE*, Natal, v.17, n. 01, p.77-91, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10175>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SILVA, Marinete dos Santos. A prostituição feminina: um percurso e algumas reflexões. *Revista Terceiro Milênio*, Campos dos Goytacazes, v. 01, n. 01, p. 109-121, 2014. Disponível em: <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/74>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SILVA, Amanda Daniele. *Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Porto: Almedina, 1994.

Recebido em 30 de novembro de 2023

Aceito em 09 de março de 2024